

O POVO ESPOZENDENSE

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO VI

ASSIGNATURA—PAGAMENTO ADIANTADO—
Por anno, sem estampilla, 1:200 rs. Por semestre, 600
rs. Com estampilla, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDAÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8

Editor e proprietario—J. da Silva Vieira

Domingo, 17 de Abril de 1898

ANNUNCIOS—LOGAR COMPETENTE—
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 %
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 300

SERVIÇO D'INCENDIOS

De ha muito está reconhecida a necessidade absoluta que temos de fazer aquisição de material e de formar um brioso corpo de bombeiros voluntarios, para a organização do serviço da extincção d'incendios n'esta terra.

Já em tempo, e por mais de uma vez, aqui fizemos sentir essa inadiável necessidade, appellando para a generosidade nunca desmentida dos nossos conterraneos e para o auxilio monetario da corporação camararia, e fizemol-o com tanta mais vontade e interesse, quanto é certo que nos demovia a tal proposito o sentimento humanitario do conseguimento de um beneficio, por meio do qual, em inesperado momento, todos possessemos, com mais facilidade e com menos risco, ser prestantes e uteis ao semelhante, levando-lhe todo o auxilio de que possessemos dispôr na hora afflictiva do horroroso incidente do fogo, que tudo destroe e devora, e muitas vezes col-

loca em perigo imminente de ficarem sepultadas nos escombros as pessoas que nos são mais caras.

Não foi por completo improficua a nossa clamação, e tanto assim que de logo se pensou em organizar uma comissão com o louvavel e sympathico fim de angariar donativos e de promover tudo quanto dentro do limite das suas forças coubesse.

Iniciada uma subscrição publica, que dentro em pouco attingiu, se não uma cifra elevada, pelo menos uma somma que punha quasi a coberto as despesas orçadas para a aquisição do primeiro material e accessorios correlativos, de modo nenhum rasoavel se justifica o desanimo que, a breve trecho, se apoderou dos primeiros espozendenses que tão digna e patrioticamente haviam apontado já o quantitativo dos seus donativos para tão justo fim.

Mas, é mau séstro—e mais que provado mau séstro nosso!—uma vez que se tente promover qualquer melhoramento de ordem material, quer este venha

a interessar a um limitado numero de pessoas, quer á comunidade, deparar-se sempre com a costumada turba de declamadores baratos que a cada passo ali apparecem fazendo estendal dos seus tetricos e mal agourados designios á empreza ou cruzada a que se mettem hombros, augurando-lhe um porvir infructifero, vendo por dispensavel o indispensavel, dando, em fim, opiniões tão desbaçadas, que nos admira que hajam cérebros, medianamente formados, que possam discernir semelhantes arrasoados.

Pois se já se chegou a afirmar que «n'esta terra não havia incendios!»

Ora haverá alguma razão de ordem que justifique ou comprove semelhante affirmativa? Nenhuma, absolutamente nenhuma.

Pois então, pelo simples facto de durante um longo periodo não terem occorrido desastres de tal natureza, pôde porventura deprehender-se que estejamos livres de, em futuro muito proximo, soffreremos prejuizos de haveres e pes-

soas no antro devorador de tão pavorosos sinistros?!

Pasma-se diante de tamanha e tão estupenda calinada!

Pois não tem occorrido, ha annos a esta parte, varios sinistros d'aquella ordem, e alguns revestidos da maxima violencia e incremento?

Permitta a Providencia que nunca os males de tão pavorosos incidentes se produzam em fazenda de quem, tão errada e leviamente, expôz a sua opinião em frente de um assumpto de tão subido beneficio para uma população inteira, e invecterou o desanimo no intimo dos mais benemeritos subscriptores. Nós teremos summo prazer, se jámais se nos offerecer ensejo de lavar faes registos.

E, já agora, levemos a impensada e exquisita opinião á conta de uma parcella da suprema indiferença que reina na maioria dos nossos patricios, por tudo que traduza e importe um beneficio, um

serviço util e prestante para a generalidade.

Mas, por Deus lhes rogamos! não impeçam nem sirvam de embusteiros esses que, não velando nem trabalhando em prol d'Espozende; nem emprehendendo nem concorrendo para beneficios que tendam a salvaguardar os haveres e as vidas dos nossos patricios, são pelo contrario tropeços irremoviveis ante qualquer plano de progresso, por mais secundario e facil que se affigure aos seus olhares indifferentes.

Ao menos, deixem que, as energias mais vigorosas e as actividades mais preponderantes, possam influenciar com o seu appello e com os seus bons officios perante todos aquelles a quem a nossa terra, longe de por sua via soffrer desvantagens, pode e deve ainda merecer-lhe dedicações.

Proseguiremos.

FOLHETIM

OS MORANGOS

Casados de pouco, noivando de fresco, tinham vindo passar algum tempo na quinta. Esta tomava toda a encosta de um pequeno monte e alastrava-se pelo valle fronteiro ali aos começos de uma aldeola pegada. Tinha a casa a meio da encosta, uma bella casa de campo e dominava as terras de treze leguas em redôr. De bom amanho, estava entregue aos disvellos de caseiros antigos e probos. E era um brinco, como se referia pelas visinhanças.

A vida ALLI, n'aquelle retiro ignorado, longe dos maus e da grande roda, corria-lhes mansa, monotona, muito ao sabor dos dois. Ella, com os cuidados do ménage, quando não tratava de flores, suas gêmeas em belleza e viço, quando não lia versos ou novelas, estendida mollemente n'um divan violeta, portas a dentro do aposento intimo. Elle, estudando, dando gasto á sua aptidão decidida de artista. Ora realisando paisagens d'um apreciavel tomo, ora compondo versos de um delicioso sabor de ecloga. Levava os dias de léz a léz estirado sob

a sombra amiga e regulada de castanheiros senis e collossaes, pondo em versos o que lhe dizia o vento ao agitar das maçanetas verde-loiras dos ouriços, copiando a pincel os moinhos que o vento animava nas suas rodas negras e mnsgosas. Ou então interoava-se pelas moutas, pelas deveras, buscando um ponto commo para lêr; ou ia pelo morangal, a beber as frescuras da brisa, a colher morangos...

Amavam-se muito, os dois. Tam bello enlace de amor... Comprehendiam-se ás maravilhas, n'uma doce communhão de querereres, n'uma carinhosa communicabilidade de sentires. ELLE NÃO A VIA. E ella então!... Que o Heitor, verdade dita, era um soberbo typo. Alto, direito, tal um fuste, o bigode loiro muito fusado, uma bella intelligencia, boa bocca e robusto como os carvalhos. Depois, era o seu poeta... Havia lido os melhores poetas: a cada passo topara a mulher comparada ao jasmim e ao nenuphar: e elle cantara-a já chamando-lhe assim mesmo. Tinha versos bonitos, o seu MARIDINHO. Quasi lh'os sabia de cór, como sabia, pelos lêr, a suavidade do amor que lhe declarára, as tremuras da primeira carta, as indecisões da primeira entrevista...

N'esse dia, o Heitor perdêra toda a tarde pela quinta e sentindo-se

cançado, viera sentar-se em frente da sua Julita, preso de um bem-estar inexcédível, fitando-a com molleza, vendo-a a acariciar com a mãozinha de anilados veios, de braccia, e magra, um bordado que se lhe ficára esquecido no regaço, um tanto amuada porque elle, o seu poeta, tivera a velleidade de chamar-lhe morango á bocca nos versos que lhe mandára pela rapariga do caseiro.

—Sabes? quero-te tanto, de tal maneira, que em tudo te revejo. Olha, eu vou pela quinta e em tudo encontro qualquer coisa de ti mesmo: nas rosas, á frescura da tua face; nos jasmims, a alvura do teu collo; nos cravos, o perfume da tua trança; nos morangos...

E um soluço o suspendeu, e depois outro... e outro... A Julita prerompêra n'um chôro convulso. Elle, o MARIDINHO, repetira a injuria. Cruel, o que elle era!

—Tontinha! então? E ajoelhou, com um beijo engatilhado, olhando-a... olhando-a... porque jámais a vira tão linda na graça do seu rosto pallido.

Achára o morango tão rasteiro, tão vulgar, de um cultivo tão baixo e de um propago tão facil, que nomear-lhe assim os labios, tanta vez roçados com demasiadas meiguices pelos d'elle, fóra uma injuria, achara-o pouco toleravel, nada rasoavel. E

amuara, por isso. E por isso chorára.

—Perdôas, mulhersinha? E o beijo engatilhado resouou. Vamos, perdôas? E punha na voz inflexões de ternura.

E perdoou, a Julita. Nem ella tinha coração para negar tão pouco. Aquelle beijo parecia-lhe a affirmação gloriosa da sua belleza. aquelles carinhos o reconhecimento patente da irresistibilidade da sua seducção.

—Vamos lá baixo... E tomou-a pelo braço. Foram caminhando por entré aleas de magoaias muito olorantes. Os pardaes batiam azas; e outras avesitas, pennugem negra, cortavam riscos acarvoados na cór afogueada do ceu...

Perto, os moinhos, contavam não sei que extranha lenda macabrina, girando de vélas enfundadas na roda doida do trabalho, traçando circulos, animando a paisagem semi-velada pelos indecizos tons da hora crepuscular. Uns salgueiros abriam, brando e brando, as folhas prateadas, perfumadas...

Chegam emfim ao morangal. Ha pelo alto um cheiro inebriante, estonteante... E os morangos lá estão! E os pardaes tambem, attrahidos pelo hatchish da carne doce e olorosa dos morangos. E' então que o Heitor se adianta, se abaixa e colhe um, um apenas... Approxima-

se da Julita, que sorri doce, enleada, satisfeita. Atravez a transparencia do seu casaco de moirêe entrevê a brancura lactea e macia e morna do collo. Abre-lh'o e deixa o n'elle,—um instante, um instante só. Que não vá o endiabrado ser lambão! E depois de aquecido pela tepidez dos seios d'ella, a sua mulhersinha, leva-o aos labios, deixando metade a descoberto, para que ella o trinque, e conjugadas assim as boccas, possa vêr, a tonta! se os seus labios são mais saborosos que os morangos, de quem eram gêmeos em cór...

O sol, a testemunha d'esta loucura fio-secular, descachia por detrás de uma franja de pinhaes, ophtalmico e de todo exangue, deixando a ondear pelo espaço um veiosito que foi perder-se entre o morangal da quinta, tocando na qué-la os cabellos da bem amada Julita.

O bohemio do azul, o treveiro dos alturas, enamorara-se tambem da Julita e viera por isso, meigamente, tremulamente, oscular-lhe tambem os cabellos—seus gêmeos em cór...

Agosto, 96

(Do Campesinas)

Julio de Lemos.

O INCIDENTE D'APULIA

N'outro lugar da nossa folha d'hoje vão insertas duas cartas: uma do rev.º Gonçalves do Paço, parochão de Villa Secca, e outra do sr. prior d'Apulia.

Allusivas ao incidente occorrido, no ultimo domingo de quaresma, no templo parochial d'Apulia e que então noticiamos, segundo os informes que colhemos na occasião em que alguns camponjos d'ali expunham o edificante caso, sorrindo com ironia dos seus lances mais burlescos, cumpre-nos, independentemente de quaesquer adduções ao facto, graphicar estas ligeiras considerações:

Em primeiro lugar, o relato da lamentavel occorrença foi unica e simplesmente de iniciativa e obra de um dos redactores d'este periodico, e não do sacerdote vexado e offendido, como o rev.º Portella erradamente supõe; e se virtudes e meritos lhe apontamos, é porque, em verdade, lh'os reconhecemos.

Em segundo, posto que alguma inexactidão transpareça na pormenorisação do facto, ella constitue a reproducção fiel das palavras de alguns apulienzes que, de visu, o conhecem.

S. rev.ª põe lobrigar alguma palavra exaggerada no caso, com mais ou menos colorido, reproduzido por nós e de que s. rev.ª, sendo o motivador, se não devera gloriar.

Sabemos que ao rev.º prior d'Apulia não deviam agradar as palavras amargas que entremetiavam a relataçào do facto, mas ha-de perdoar: a missão moralisadora da imprensa impunha-nos esse dever.

De resto, sem mais preambulos e para finalisar, nós ficamos no convencimento de que s. rev.ª, revendo-se em alguns periodos da carta do sacerdote Paço, como n'um limpidissimo espelho, ha-de notar no proprio rosto a sombra visivelmente impressa do arrependimento, pela má acção que praticou para com elle.

E cerramo'-nos por aqui.

CHRONICA FÃOZESE

Fão prepara-se para a grande romaria de domingo e segunda feira proximas.

A commissão promotora dos festejos ao Senhor de Fão, apeos composta de dois membros, os srs. José Borda e José C. R. da Rocha, não se poupa a trabalhos, no louvavel intuito de dar o maximo brilhantismo a esta tradicional romaria.

Bem hajam os festeiros. Assim é que eu gosto de os ver, em actividade.

Na nossa terra, como em toda a parte, ha muito quem dê á lingua, quem tagarelle a proposito de qualquer coisa, mas quem metta mãos á obra... muito pouco. E' o caso da velha phrase: «Verba et non res».

Dizia-se por hi, com certo desconsolo, que este anno não havia quem promovesse festejos nos dias da popular romaria, e acompanhava-se o boato d'umas lamurias tão sentidas e piégas que commoviam até ás lagrimas. Assim em vez de foguetes e musica teriamos lagrimas e lucto. Todos protestavam com euergia e calor contra tão vergonhoso como prejudicial ostracismo a que era votada a antiga festa, e, todos, para dar mais tom ao seu protesto, faziam solemnes promessas de concurso monetario. Ainda dava uma pallida ideia dos generosos e fidalgos filhos de Hespanha quotisando-se, para occorrer ás despesas da guerra imminente... Era um gosto ver vibrar a fibra patriótica dos fãozenses na hora do perigo!

Aqui o inimigo commum era uma verdadeira colligação internacional—os musicos, o fogueteiro, o illuminador e até o obscuro mestre do Zé Pereira, que muito antecipadamente enviou seus respeitos aos festeiros, lembrando-lhes ao mesmo tempo que soava a hora de azabumar Fão inteiro... A nossa situação,

apezar de todo este movimento nos espiritos, era tristissima. Faltava a cabeça dirigente, faltava quem mettesse hombros á empreza, quem iniciasse, quem promovesse. Era a tal coisa—Verba et non res. Um horror!

O commercio fãozense, em especial o negocio dos «comes e bebes», que era quem mais soffria e quem mais se resentiria d'esta falta de festa, deixava correr os marfins e não tigia nem mugia. Deixara-se embalar na doce esperanza de que alguem surgiria para salvar-nos d'uma declaração de bancarrota.

Foi no meio d'este desanimo que surgiu—«Surgite et ambulat!»—a commissão acima apontada, aquella que veio alliviar nossas almas d'um pesadello enorme, os nossos tasqueiros de prejuizos consideraveis e a nossa terra d'um fiasco completo. Bem hajam os festeiros!

Os leitores e as minhas amaveis leitoras não deixem de vir ao Senhor de Fão, ainda que chova. Não se trata de anginhos nem de sermões.

O arraial do Senhor de Fão é dos mais attrahentes; tanto pela concorrencia de povo, como pela variedade de diversões; já pelo saracoteio da garrida cachôpa e descantes do Manel enamorado, como pelos azares do bihar chinês e da roleta em miniatura. Demais a mais temos gigantónes que dançarão «pas-de-quatre» e a dança do «para-peito», duas musicas, a lora o inpagavel Zé Pereira, foguetes do Miguelinho, etc. etc.

Tambem na 2.ª feira á noite, para remate das grandiosas festas, ha-verá espectáculo no novo theatro S. José.

Desejava falar-lhes da recita que se deu n'esta nova casa d'espectaculos, na noite de domingo de Paschoella; porém, a empreza commetteu a flagrantissima indelicadeza de não remetter um bilhete d'entrada ao unico representante da imprensa, n'esta localidade, e, este, melindrado com tão mesquinha desconsideração que tanto offendia a classe como a pessoa que a representava, não quiz munir-se de bilhete ou antes não quiz assistir ao espectáculo. E' certo, porém, que d'esta vez não se dançaram as «irmãs da caridade»—puml! e se grande foi a concorrencia é porque se esperava tão espectaculara scena.

Foi uma pena... Apenas direi que o novo theatro está montado em condições muito rasoaveis, decente e commodo, de maneira a poder ser frequentado pela melhor sociedade.

Tambem os amadores tem feito alguns progressos na arte, com o que folgamos, pois que o theatro é um dos factores mais importantes da civilisação.

Não julgue, porém, a empreza theatral, que, com registarmos estas benevolas impressões, fazemos jús á nossa appetecida. Não, o que eu quero é que deem sorte... «Ridendo semper».

Manévam.

SEMANA SANTA

Como nos demais annos, as solemnidades da Semana Santa revestiram-se de muito esplendor e pompa entre nós.

Sem querermos fazer-lhes o «comptê-rendu», diremos, contudo, que estas solemnidades se effectuaram com a melhor ordem e decencia, e que a concorrencia de fieis aos templos em que realisadas, principalmente á Matriz, foi extraordinaria, não só de pessoas da villa como das aldeias ruraes.

Em ambas as igrejas sobresahiram lindos e singelos adornos e a profusa illuminação dos thronos e chão das capellas-môres, onde realçavam muitas flores e uma immensidade de plantas d'estufa e miriades de petalas variegadas.

As ornamentações de gala eram simples e de um gosto completamente novo, mostrando-nos que vae pre-

dominando o bom gosto e a simplicidade no adorno dos templos.

Os discursos proferidos por um sacerdote do Montariol foram bem architectados, assás coloridos e de um não vulgar relevo e esmero. Illuminou-os uma firme logica de fé, e dignificou-os um primoroso talento. Uns bellos monumentos d'oratoria sagrada.

Todas as ceremonias religiosas decorreram, emfim, de maneira a não desmerecerem da fama que justamente usufrue Espozende, onde se realisam estas solemnidades com magnificencia e brilhantismo raros.

Missa de suffragio

Suffragando a alma do sr. Joaquim Augusto Correia Guimarães, habil conductor d'obras publicas n'este districto, que uma tuberculose victimou tão prematuramente na cidade de Braga, mandou em um dos dias ultimos celebrar uma missa na igreja Matriz d'esta villa, o nosso amigo e digno fiscal d'obras na edificação da escola «Rodrigues Sampaio», sr. Antonio Fernandes Ribeiro.

Ao religioso acto assistiram, além do pessoal d'obras publicas em serviço em Espozende, varias pessoas amigas do finado e do sr. Fernandes Ribeiro.

Solrée

Effectou-se segunda-feira, nas salas da Assembleia Espozendense, uma esplendida soirée promovida por alguns rapazes da nossa primeira élite, a qual decorreu muito animada, succedendo-se as valsas, polkas, quadrilhas e mazurkas umas após outras, e dançando-se com todo o élan até ás 4 horas da manhã.

Abrilantaram com sua presença esta agradável reunião as exc.ªs sr.ªs: D. Joanna de Bourbon Villas Boas, D. Balbina de Miranda e filhas D. Laura e D. Maria, D. Amelia Barros Lima e filha D. Valentina, D. Anna Leitão Faria, D. Maria Rita Teixeira de Queiroz Vellozo, D. Maria Leitão, D. Maria Rita de Queiroz Villas Boas, D. Emma e D. Maria Vieira, D. Anna dos Prazeres Miranda Leitão, D. Anastacia d'Almeida Abreu, D. Rita d'Oliveira, D. Virginia Villas-Boas, D. Sarah e D. Maria dos Prazeres Cardoso e D. Maria Pessoa e filha D. Marianna.

Férlas

Terminam amanhã as ferias judiciaes e escolares.

Judas

Só dois,—e dois monos de palha e farrapos ascorosos se queimaram, quando tantos mais, em carne e osso, por ahí abundam, sacudindo e espantando os appendices sob a influencia d'este bom sol primaveril, creator das moscas cujas ferroadas tanto os afflige, sempre capazes e sempre promptos para venderem o maior e mais leal amigo, não a troco dos lendarios TRINTA DINHEIROS, mas pela mais difficilente ninharia, o que torna ainda mais abominaveis do que o proprio Iscariote tão bons e bemaventurados mortaes!...

Nós vos FELICITAMOS, ó ricas prendas! por terdes escapado milagrosamente ao tremendo castigo inflingido a dois vossos manes!

E que a sorte vos proteja, como até aqui!...

Estampilhas]

Não raras vezes ouvimos queixas contra o péssimo costume que tem os srs. possuidôres das caixas do correio, fazendo fornecimentos diminutos de sellos em relação ao consumo. D'ahi resulta, em muitas occasões, não haver fórmulas á venda para fraqueia da correspondencia.

E' bom que se providencie a tal respeito, afim de evitar factas que muito prejudicam o publico.

NOTAS DA SEMANA

Esteve entre nós, retirando honrem para o Porto, o nosso illustre conterraneo Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna, director espirital do Seminario Episcopal d'aquella cidade.

Partiu para Lisboa, devendo seguir por estes dias para os Açores, o sr. Albino Evaristo do Valle Souto, illustrado major do corpo d'estado maior d'engenharia, que ao seio de sua ex.ª familia viera passar as ferias da Paschoa.

Feliz viagem appetecemos a s. exc.ª.

Acha-se restabelecido do incommodo que ultimamente soffreu, por motivo do um furunculo implantado no rosto, o distincto facultativo sr. dr. Cypriano Alexandrino da Silva.

Do coração felicitamos s. exc.ª.

Tem estado na Barca do Lago, em goso das presentes ferias, o nosso amigo e distincto collaborador José Maria d'Oliveira, (Pinho Negro) talentoso alumno da Escola Medica do Porto.

Vieram passar aqui o periodo das ferias, devendo regressar amanhã a Coimbra, os srs. Francisco e Domingos Alexandrino da Silva, intelligentes secundaristas da faculdade de direito.

Estiveram em Espozende os srs. Celestino Niny, secretario da Camara de Valença, e Manoel Pessoa de Faria, conceituado industrial viannense.

Tem-se aggravado ultimamente os incommodos da exc.ª sr. D. Maria das Mercês Vianna Ramalho, esposa do habil pharmaceutico sr. José Ramalho.

Anciamos pelas melhoras da joven senhora.

Romaria

Tem hoje e amanhã lugar, na proxima freguezia de Fão, a muito ruidosa e popular romaria do Senhor Bom Jesus, á qual costumam affluir milhares de forasteiros d'este concelho e proximidades.

Incendio

Na noite de sabbado para domingo, por volta da meia noite, foi a maioria dos habitantes d'esta villa despertada pelo rebato continuo do sino principal das torres da Matriz e por gritos desolados de: fogo! fogol! Sobresaltados viemos para a rua, e subemos então que se manifestara um violento incendio n'um predio da Rua Nova, habitação e propriedade do nosso querido amigo sr. Lourenço da Costa Leitão, proposto do recebedor n'este concelho.

Não se demoraram os socorros. Com uma presteza e dedicação verdadeiramente admiraveis, n'um louco arranco de heroica abnegação, invadiram promptamente o predio innumeradas pessoas, monidas de cantaros e machados e, suprema força de vontade! o incendio que se alastrava com intensidade devoradora, em breve era extincto.

O fogo, que teve principio nas trazeiras do predio e ameaçava propagar-se ao pavimento superior da frontaria, foi atalhado com notavel pericia e actividade.

Sahimos d'ali devéras bem impressionados, pela maneira assás arrojada e corajosa de alguns homens, e pelos bons serviços que prestaram muitas mulheres.

E' assim este bom povo da nossa terra. Sempre prestante, sempre humanitario na hora afflictiva do perigo!

No local tambem prestaram bons serviços algumas praças da guarda fiscal, impedindo a invasão do povo extranho aos trabalhos de extincção e fazendo guarda ao cofre da recebedoria.

Os prejuizos são avaliados em 300:000 reis, cobertos pela Companhia de Seguros Garantia, do Porto.

Perfis Illustrados

No subseguente numero publicará «O Povo Espozendense» o perfil biographico da ex.ª sr.ª D. Leonor Arnaud, illustrada e talentosa redactora do «Mandarin», publicação lisbonense, encimado pelo retrato, em gravura, da illustre biographada.

Contamos ainda com outros perfis, illustrados com o «fac-simile» dos biographados, devido á valiosa cooperacção que nos vem prestando o nosso distincto collaborador e collega Paulo da Fonseca, que ha mizes a esta parte vem manejando a pena, graphicando com jus os meritos dos que sabem elevar-se á custa de um perseverante trabalho.

Uma boa nova para os nossos estimaveis leitores.

Academicos

Em goso das ferias estão entre suas familias os academicos d'este concelho que frequentam escolas secundarias e outros estabelecimentos litterarios.

Doente

Tem estado no leito, doente, o nosso distincto collaborador e apreciavel folk-lorista e poeta, o sr. dr. M. Dias Nunes, de Serpa, a quem do coração desejamos promptas melhoras.

Gula Marítima

Subordinada a esta epigrapha vae o sr. Francisco Loureiro, d'esta villa, publicar em breve uma obra que muito deve interessar a todos os officiaes de marinha mercante.

Attento os seus vastos conhecimentos sobre o assumpto e os longos annos de pratica na lida marítima, o trabalho do sr. Loureiro ha-de, certo, preencher uma lacuna da ha muito sensível pela falta de um tratado marítimo completo, e portanto destina-se a obter um extraordinario acolhimento.

Auguramos um bom exito á obra que se propõe dar a lume. E será essa a melhor paga dos seus aturados estudos.

Publicações

Por absoluta falta de espaço ficam de remissa para o outro numero varias noticias bibliographicas.

Que nos desculpem os srs. editores, e todos aquellos que nos distinguiram com suas apreciaveis remessas d'obras.

COMMUNICADOS

APULIA, 5 DE ABRIL DE 1898

Sr. Redactor:—No ultimo numero do seu jornal «O Povo Espozendense» deparei com um artigo que diz respeito a um facto succedido na igreja d'Apulia no dia 27 do mez passado, e que se relaciona mais ou menos com o sermão ou conferencia quaresmal que teve lugar por essa occasião.

Quando li esse artigo, a minha primeira idea foi remetter-me ao silencio, mas, como o colorido do estylo e o pouco ou nenhum respeito pela verdade podem induzir alguns dos leitores que não conhecem o rev. Gonçalves Netto, a formar um juizo menos recto dos factos e das pessoas, resolvi-me a vir á imprensa restabelecer a verdade dos factos. V. ... assumiu a responsabilidade do escripto, ainda que para mim é fóra de toda a duvida que elle é obra do rev. Gonçalves Netto, como a si proprio se nomeia. E, com effeito, esse artigo apresenta um perfeito quadro do phariseu, de que falla o Evangelho, apregoando e attribuindo-se virtudes e merecimentos. No meio de muitas affirmações algeivosas e nada verdadeiras apparecem algumas verdades. E' verdade ter ao prohibido aquelle sacerdote de pregar, e escusado é vir o auctor do escripto com insinuações malevolzas para ex-

plicar as causas que me levaram a fazer essa prohibição, no pleno uso dos meus direitos, porque, se desejar sabel-as, não tenho duvida em apresental-as, o que não faço agora porque não julgo moralizador fazer na imprensa estendal de cousas que melhor será occultar, pois a missão da imprensa é moralisar e não perverter. Este facto devia ter-se evitado, porque tanto o rev. Gonçalves Netto como quem o convidou estavam prevenidos de que eu não consentia na sua prégação; de modo que a vinda d'elle aqui n'essa occasião representava uma provocação directa, o que bem claro mostrou n'uma allocução que principiou e que tentou dirigir ao povo, quando na sua retirada subiu ao plano do altar mór. Foi isto o que occasionou e causou um certo sussurro na igreja, mas consegui de prompto restabelecer o socego, porque, felizmente, os discolos eram poucos e esses retiraram-se da igreja. Não foi preciso dizer, como com certo aleive affirmo o escripto.—«quem prêga o sermão sou eu»—porque não proferi essas palavras nem equivalentes. E' verdade, que acto continuo subi ao pulpito e fiz o sermão que então devia ter lugar, mas estava convenientemente preparado, do que podem dar testemunho centenaes de pessoas que enchem o templo que é vasto: portanto emprazo o auctor do escripto para que me apresente testemunhas que me vissem subir ao pulpito, munido d'um «grosso infolio», porque os factos provam-se, não se presumem. Demais, desde que principiou o sermão até ao fim, houve na igreja completo silencio e respeito, do que tambem podem dar testemunho as pessoas que assistiram, cujo numero se approximava talvez a mil; apenas um dos discolos, que saiu da igreja, se chegou á porta travessa, proferindo ahi certas inconveniencias que talvez não passem sem o devido correctivo.

Encontro tambem uma verdade no seguinte periodo do escripto:—«Infelizmente... para alguns sacerdotes que prégam a doutrina sublime... a cadeira da verdade serve para a conquista de interesses mesquinhos e jámais para evangelizar e corrigir o povo...» Se o auctor do escripto assim o desejar, apresentarei um ou mais exemplos que patenteiam bem o desinteresse e até a dignidade e honradez do rev. Gonçalves Netto, para que a sua apothose seja mais completa.

Podia mesmo examinar até onde se estende a sua fama, determinando assim os limites das cercanias d'essa freguezia, a que o artigo se refere, e talvez em alguma cidade ou povoação importante encontrasse no registo policial testemunho irrefragavel do seu espirito evangelizador. Mas, como o meu fim é simplesmente apurar a verdade, para que o ministerio sacerdotal não seja vituperado até por pessoas que deviam presar mais a honra e dignidade do seu caracter, respeitando a verdade e levantando o seu nivel moral, não irei hoje mais além e terminarei por pedir a V. ... o favor de inserir no jornal que dignamente redige estas linhas, pelo que lhe ficarei muito grato.

Prior d'Apulia.

Villa Secca, 6, 4, 98

... Sr. Redactor:

Li, ha dias, no seu semanario—«O Povo Espozendense»—n.º 298, uma noticia sob a epigrapha «Um sacerdote prohibido de prêgar... etc.» o que deveras me surpreheudeu; porque todo o meu interesse, apesar de ser eu o sacerdote offendido, era que esse facto, filho da estulta cegueira d'um meu collega, ficasse o mais escondido possivel das vistas d'uma grande parte da sociedade sempre avara de taes escandalos.

Este desejo de que ficasse para sempre sepultado na escura noite do silencio e breve passasse a herança

do esquecimento um tão repellente e sacrilego escandalo, era o fructo, a illação logica de motivos assaz ponderosos e para mim da maxima consideração—motivos que o parcho d'Apulia infelizmente esquece ou finge esquecer.

Deveria eu, porventura, sacardote e parcho, mostrar ás hostes aguerridas da impiedade, sempre promptas para demolir o admiravel e grandioso edificio da Igreja por todos os meios e principalmente apontando e expondo á irrisão publica os defeitos e faltas dos seus ministros,—deveria eu, repito, descerrar a cortina do silencio e mostrar aos inimigos da Igreja, que nas fileiras do exercito de Christo reina a discordia, apesar da Atalaya do Vaticano nos recommendar e repetir incessantemente—«Uni-vos!»? Não.

Deveria eu, calcando aos pés a minha consciencia, atraçoando o meu ministerio e dogmatizando o erro, ensinar ao povo, com o meu exemplo, que aquellas sublimes maximas de Jesus: «Diligite inimicos vros, etc», amae os vossos inimigos... fazei bem a quem vos odia etc, são palavras vãs e sem força obrigatoria?

Deveria eu querer que os leigos soubessem que no peito d'um padre se albergam e medram á vontade, qual ninho de viboras, as mesquinhas e vis paixões do odio, da inveja e da vingança? Não.

Deveria eu desejar que a illustre classe parochial còrresse de vergonha e nójo, sabendo pela imprensa que um seu collega desceu tão baixo que chegou a servir-se da sua Igreja, como d'um instrumento de vingança, um punhal de assassino? Não. «Que outro não era o seu fim senão o apunhal, esfarrapar o meu credito de prégador, sacerdote e parcho!»

Finalmente, Sr. Redactor, deveria eu desejar a publicidade d'um acontecimento tão escandaloso para o povo da minha querida freguezia d'Apulia, com quem vivi desde a idade de 22 mezes, que me estima deveras e onde eu conto o numero dos amigos pelo numero das pessoas? Não, mil vezes não; e portanto calei-me.

Isto, não pelo que diz respeito á minha humilde pessoa, mas porque a publicação d'um facto tão nojento reflecte-se n'uma classe e certamente magda o coração do nosso venerando Prelado, para quem o procedimento do parcho d'Apulia já não é um mysterio... pelo menos não o deve ser.

Eis os motivos porque eu, Sr. Redactor, não desejava que a imprensa interviesse, dando semelhante noticia; porem, agora que o mal não tem remedio, permita-me algumas reflexões sobre o «caso».

Se o parcho d'Apulia não queria que eu prégasse, porque é que não me avison a tempo para eu lá não ir? Porque desejava affrotar-me, humilhar-me, («autoar-me se lhe desse motivos!») injuriar-me e enxovalhar-me emfim! perante todo o povo d'Apulia e das cercanias, que ali correu só para me ouvir.

Se o parcho d'Apulia queria usar d'um direito precisava para isso porventura chamar-me tólo e ao thesoureiro que me convidou? Para que é que me disse, com gesto desenvolto, «irado e não facundo»—pode retirar-se e retire se já, que o sr. é incapaz de pregar a verdade... nunca soube nem nunca ha-de saber desempenhar o seu lugar? Etc...? Para uzar d'um direito seriam necessarias taes expressões?!

E' que o rev.º Portella não queria utilizar-se d'um direito; queria utilizar-se d'umá occasião para injuriar um sacerdote, arremessando-lhe á cara o vomito ascoroso do odio que lhe requeimava o coração e de que tem dado evidentes provas... Meu sento, já todos conhecem as taes lagrimas de... Jacaré.

O' desenfreada paixão politica que a tal extremo de loucura arrastaa um fanatico galopim!!

Basta, Sr. Redactor; o fel do remorso que lhe amargarará o resto da existencia, será o seu castigo; pela minha parte vivo tranquilo e não levei nem levo queixa para a estancia superior; e se um dia fór chamado, a depôr, pelos meus superiores, direi... a verdade amargosa, sim, mas esse é o seu unico sabôr.

O parcho d'Apulia ao contrario, espicaçado por esse abutre implacavel, não pôde dormir descansado e ás 3 horas da madrugada do dia immediato ao escandalo, partiu para Braga, com o fim de completar ali pela intriga, o que n'Apulia principiou pela injuria; mas provavelmente o que com justiça lhe responderam foi que não se insulta impunemente um sacerdote em publico; dizendo na cara que não sabia occupar o seu lugar quem tem pregado com optimo acolhimento de parchos e freguezes em muitissimas freguezias raras, e muitissimas vezes nas villas da Povia de Varzim e Espozende.

Isto, como pregador; e como parcho, os factos se encarregarão de demonstrar qual dos dois comprehendeu melhor o munus espinhoso de pastor.

Estou até satisfeito com ser eu o offendido, porque com a minha prudencia evitei que na Igreja d'Apulia, e com a meditação de que o divino modelo a quem jámais devemos perder de vista—o Principe dos pastores—soffre contente todas as affrontas, o meu coração ficou em paz.

Sr. Redactor, termino esta que já vae longa, pedindo-lhe que insira estas considerações no seu acreditado periodico, para esclarecimento dos mal informados.

Deus Guarde a V. por largos annos

P.º Manuel Gonçalves do Paço.—parcho de Sant'Iago de Villa Secca.

ANNUNCIOS



CARREIRA DIARIA PARA A POVOA DE VARZIM

Ha carreira diaria de Espozende para a Povia de Varzim em harmonia com o comboio da manhã, feita um dia por José Pires Carneiro, de Fão, e outro pelo abaixo assignado. A sahida do carro é de manhã, ás 6 horas.

O escriptorio é em casa do sr. João Francisco Pereira, com estabelecimento na rua Emygdio Navarro, onde se passarão os respectivos bilhetes aos passageiros.

Sebastião da Costa Eiras.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, profundamente reconhecidos para com todas as pessoas que se dignaram assistir, a nosso convite, á missa celebrada no dia 11 do corrente, suffragando a alma de nosso pae e sogro, vimos por este meio protestar-lhes a nossa gratidão sincera e agradecer-lhes penhoradissimos.

Espozende, 15 de Abril de 1898.

Amelia d'Almeida Paschoal da Fonseca (auzente)
Arminda d'Almeida Paschoal (auzente)
Valentim Ribeiro da Fonseca (auzente)
Antonio d'Almeida Paschoal.

Julgado Municipal de Espozende
ARREMATÇÃO

(1.ª praça)
(2.ª publicação)

No dia 24 de Abril de 1898, pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal judicial d'este julgado, se têm de arrematar em hasta publica e a quem maior lanço offerecer acima do seu respectivo valor, as seguintes propriedades:

—Uma leira de terra lavradia, sita no lugar da Bouça da freguezia de Belinho, que parte do norte com Agostinho Rodrigues e Manoel Cosme, do sul com Sebastião Rodrigues Lima, do nascente e poente com caminho publico; avaliada em 31\$500 reis.

—Metade d'uma leira de terra lavradia no sitio do Campo, da dita freguesia, que confronta do norte, nascente e poente com caminho e do sul com Francisco Alves; avaliada em 20\$000 reis.

Sommas estas propriedades cincoenta e um mil e quinhentos reis e vão á praça pela mesma quantia.

Estas propriedades eram pertencentes a Albino Martins Netto, tambem conhecido por Albino Fernandes Milheiro, lavrador, da freguezia de Belinho; cujas propriedades vão á praça para pagamento da quantia de quarenta e sete mil seis centos e noventa reis, provenientes de custas e sellos do processo crime em que foi auctor o ministerio publico, assim como para pagamento de sellos e custas que forem liquidadas no processo de execução por custas que lhe move o mesmo ministerio publico, ficando as despezas da praça por conta do arrematante, assim como o pagamento da contribuição de registro.

Por este meio são citadas todas as pessoas que se julguem com direito ás mesmas propriedades, para ficarem scientes do dia da praça e assistirem á mesma, querendo, afim de uzarem do seu direito, conforme o ordenado nos artigos 842 e 844 do Codigo do Processo Civil.

Espozende, 30 de Mar-

ço de 1898.

Verifiquei a exactidão.
O juiz municipal,
João Ignacio da Silva Correla Simões.
O esdrivão,
Delfino de Miranda Sampalo.

Julgado Municipal de Espozende

ARREMATÇÃO

—1.ª praça—
(2.ª publicação)

No dia 24 de Abril de 1898 pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal judicial d'este julgado, se têm de arrematar em hasta publica e a quem maior lanço offerecer acima do seu respectivo valor, as seguintes propriedades:

—Uma leira lavradia sita no lugar do Faro da freguezia de Palmeira, confronta do nascente com Joaquim Alves da Silva, poente com Francisco Barboza, norte com eira malhada e do sul com o Padre Joaquim do Valle Souto, que os louvados avaliaram em 15\$000 reis.

—Outra leira de paul com arvores de vinho no mesmo lugar e freguezia e com o mesmo correr, partindo do nascente com Joaquim José da Silva, poente com Francisco Barboza e do norte com Manoel José da Lomba, avaliada em 40\$000 reis.

Sommas estas propriedades a quantia de 55\$000 reis.

Estas propriedades eram pertencentes a Anna Rosa, viuva, e sua neta Maria, da freguezia de Palmeira do Faro, cujas propriedades vão á praça para pagamento de fóros a que as mesmas se acham sujeitas ao exequente Antonio Villa-chã dos Reis, ficando as despesas da praça por conta do arrematante, assim como o pagamento da contribuição de registro.

Por este meio são citadas todas as pessoas que se julguem com direito ás mesmas propriedades, para ficarem scientes do dito dia da praça e assistirem á mesma, querendo, afim de uzarem do seu direito, conforme o ordenado nos artigos 842 e 844 do Codigo do Processo Civil.

Espozende, 30 de março de 1898.

Verifiquei a exactidão.
O juiz municipal,
João Ignacio da Silva Correla Simões.
O eserivão,
Delfino de Miranda Sampalo.

Acabado apparecer:
PEDRO FERNANDES THOMAZ
CANÇÕES POPULARES DA BEIRA
 Acompanhadas de 52 melodias, recolhidas directamente da tradição oral, e arranjadas para piano
 Com uma introdução por
J. LEITE DE VASCONCELLOS
1 volume de 263 paginas..... 800 reis
Pelo correio..... 850
 Pedidos á imprensa Lusitana de Augusto Veiga—Figueira da Foz.

PARA AS CRIANÇAS
 (PUBLICAÇÃO MENSAL)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:
 No principio de cada mez será publicado um livrinho de 32 paginas, impresso em bom papel, capa apropriada, tendo no fim uma secção especial destinada á correspondencia dos pequeninos assignantes.
 Pagamento da assignatura adelantado, por 3 mezes.
 Preço de cada trimestre: 470 rs. Numero avulso 60 rs.
 Assigna-se unicamente em Setúbal. Os pedidos de assignaturas como toda a correspondencia deverão ser dirigidas a Anna de Castro Osorio, rua Nova da Conceição, Setúbal.
 Cada numero formar um livrinho independente, podendo ser comprado avulso sem nada perder do seu interesse. Aos senhores assignantes serão distribuidas, no fim de cada serie de seis numeros, as capas, de luxo, conjuntamente com o frontispicio e indice dos elegantes voluminhos que formarão a nossa bibliotheca.
 No fim do anno distribuir-se-ha um premio, que será o testemunho da minha gratidão.

DICCIONARIO CRITICO
 DA

HISTORIA DE PORTUGAL

Publica-se em fasc.º quinzenaes de 32 pag. folio grandp.
 Cada fasciculo 100 reis afora o sello, no caso de ser expedido pelo correio.
 O pagamento de cada fasciculo é feito no acto da entrega, ou adiantadamente se o pedido for feito pelo correio.
 Series de 10 fasciculos, pagas adiantadamente no escriptorio ou enviadas pelo correio, tem o bonus de 10 por cento. Series de 20 fasciculos, pagas nas mesmas condições, tem o bonus de 15 por cento.
 Quem angariar 10 assignaturas e se responsabilise por ellas tem direito a um exemplar da obra, gratuito.
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao:
DICCIONARIO CRITICO DA HISTORIA DE PORTUGAL
 Rua dos Caldeireiros, 43—PORTO
 Assigna-se em todas as livrarias

O JORNAL DOS ROMANCES
 ILLUSTRADO

O primeiro e unico n'este genero em Portugal
 Cada semana sahirá um numero de 8 paginas, formato grande, com cerca de 2:000 linhas de composição, impresso em magnifico papel, e 1, 2 ou mais gravuras, ou o mesmo que 70 paginas usuas de leitura, por **20 reis—para ricos e pobres**
PRIMEIROS ROMANCES A PUBLICAR:
Joanninha, a costureira—Grande e emocionante romance dramatico e d'amor, por CH. MÉNOUVEL.
A cidade aerea—Romance de viagens e aventuras maravilhosas, por A. BROWN, o Julio Verne inglez!
Os cavalleiros da Rosa Vermelha—Grande e magnifico romance de capa e espada, por A. TOCQUEVILLE.
A publicação illustrada mais barata que se tem feito em Portugal
ASSIGNATURAS: Porto e Lisboa—Anno, ou 5 series (pagamento adelantado) 45000 reis—serie de 10 numeros, 200 reis—Provincias e ilhas adjacentes, accresce o porte.
Avulso, na propria semana, 20 reis
 Reclamar o primeiro numero gratis em todas as livrarias e kiosques
 Dirigir os pedidos de assignaturas á **EMPRESA de O Jornal dos Romanes**—Provisoriamente, na rua de D. Pedro, 178—PORTO.

A'S FAMILIAS, COLLEGIOS, BORDADEIRAS E MODISTAS

Nenhuma publicação, nacional ou estrangeira, satisfaz tão cabalmente para o fim a que se destina, como a excellente revista de bordados e modas, a **BORDADEIRA E MODA PORTUGUEZA**, publicação que sahe duas vezes por mez no Porto, e editada na Rua do Calvario, 17.
 Cada numero inserto variadissima colleção de modelos para toda a especie de toilettes para senhoras e creanças; profusão de desenhos para executar bordados a branco e de côres; moldes cortados em tamanho natural, musicas originaes para piano, secção recreativa e um retrato e biographia de uma dama portugueza, notavel pela sua posição social, conhecimentos litterarios, sciitíficos ou artisticos, etc., etc.
 Vê-se, pois, por esta breve resenha, que nenhuma publicação compete com a **BORDADEIRA**, que, não obstante a sua superioridade e insignificancia do preço da assignatura, ainda offerece a todos os assignantes de anno, que paguem adiantadamente, um magnifico retrato a oleo, GRATIS.
PREÇO DAS ASSIGNATURAS
 Anno, com direito ao brinde, 45300 reis.
 Semestre, sem direito a brinde 700 reis.
 Os snrs. assignantes que desejem o brinde devem fazer acompanhar os seus pedidos de assignaturas de 45300 reis, uma photographia do maior formato possível e mais 100 reis para despesas do correio.
A BORDADEIRA E MODA PORTUGUEZA está já no fim do 3.º anno da sua publicação.
 Pedidos—Empresa da **BORDADEIRA**—Rua do Calvario, 17—Porto.

O SEculo
NATAL DE 1897
 Numero extraordinario, de grande luxo, formando uma elegante brochura de 50 e tantas paginas.

CAPA—Allegoria—pintura de José Velloso Salgado

TEXTO

O Bestiario—soneto de José da Sousa Monteiro; aguarella de Alfredo Roque Gameiro.
Os Lusitadas—Argumentos novos aos seus dez cantos, versos de Fernandes Costa; desenhos de A. Condeixa.
O Alfeire—(Alpedrinha - Alentejo), aguarella de Antonio Ramalho Junior
Os Medicos—prosa de Ramalho Ortigão; desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro.
Historia Simples—poesia de Delphin de Brito Guimarães; desenhos de Luciano Freire.
Dança de antigo tempo—musica e aguarella de Alfredo Keil.
Natal—prosa de Silva Pinto; desenhos de Roque Gameiro.
O desembarque do peixe em Setúbal—aguarella de J. Vaz.
O Natal a bordo—prosa de T. Lino d'Assumpção; desenhos de J. Vaz.
Uma legoa deazustrosa—aguarella de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

ALBUM DE ANNUNCIOS

Preço do exemplar... 600 reis
 A venda no Porto, no CENTRO DE PUBLICAÇÕES, á praça de D. Pedro, 125, e em todas as livrarias e kiosques.

A MODA ILLUSTRADA

O Jornal de modas, o mais completo, de cada semana 8 paginas de texto e um molde cortado e quinzenalmente um figurino a côres
 Este periodico, quinzenal até ao mez de Janeiro, tornar-se-ha semanal d'esta epocha por diante, o que não pode acontecer desde já em vista das grandes difficuldades das primeiras expedições, que nos contrariaram o nosso desejo; porém, a começar no mez de Janeiro de 1898 a "MODA Elegante", sahirá todas as semanas.

Assignaturas Portugal e ilhas	45000
Um anno.....	25100
Seis mezes.....	15100
Tres mezes.....	450 rs.
Numero avulso.....	450 rs.
N.º avulso com fig. a côres	450 rs.

LA ULTIMA MODA

Semanario de modas para senhoras
EDIÇÃO EM HESPAÑHOL
 Publica-se todos os domingos e contém numerosos modellos de ultima novidade em trajos, chapéus, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. É o unico dos da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.
 Preço da assignatura em Portugal:
 Anno..... 35200 reis
 Seis mezes..... 15700 »
 Tres mezes..... 865 »
 Numero avulso..... 65 »
 Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Midoses—Rua da Padaria n.º 32. LISBOA.
 Na redacção do «Povo Espozendense» mostram-se os n.º da «Ultima Moda» a quem desej* assignar.

O RECREIO

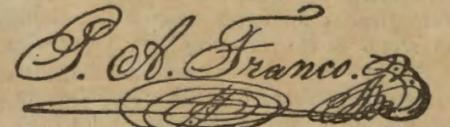
REVISTA SEMANAL, LITTERARIA E CHARADISTICA
 publicação começada em 1885
 Redacção e administração—Rua do Marechal Saldanha, 59 e 61
 Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 reis.
 Provincia: cada serie de 26 numeros, 530 reis, pagamento adelantado.
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres, na a o Marechal Saldanha, 59 e 61—Lisboa.

Romance de palpitante actualidade
 original de **JOÃO CHAGAS**
 Illustrado com porto de 200 gravuras e chromos
O CRIME DA SOCIEADE
 Desenhos e aguarellas originnes de ANTONIO BAETA
60 REIS—CADA SEMANA—60 REIS

Editores: LIBANIO & CUNHA.—Rua do Norte, 145, Lisboa.
 Condições da assignatura: Serão distribuidas cada semana 3 folhas in-4.º, com tres gravuras, ou 2 folhas, com 2 gravuras e 1 chromo em separado pelo preço de **60 reis**, ou em tomos de 14 folhas com 28 gravuras e 1 chromo pelo preço de **300 reis**. Para a provincia expedir-se-hão quinzenalmente 6 folhas ou 5 folhas e um chromo pelo preço de 120 reis, mas não se satisfazem pedidos que não venham acompanhados da importancia. Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empresa, Rua do Norte, 145, nas principaes livrarias, na **Galeria Monaco** e nos estabelecimentos onde estiver o cartaz-annuncio. Consideram-se correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por 3 ou mais assignaturas.
 Agente no Porto: Centro de Publicações, Praça de D. Pedro, 125 e 126.

PRIVILEGIO EXCLUSIVO
CONTRA A TOSSE
 E
DOENÇAS DO PEITO
XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approved, legalmente auctorizado pelo conselho de saude publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Corte do Rio de Janeiro.
 A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitaes e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este patz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval-o (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a consideral-o um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluco, tosse rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarras de sangue, e contra todas as irritações nervosas.
 Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura som tinta azul.

 Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos
 EM BELEM — LISBOA.

REMEDIOS DE AYER

Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restanra ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.
Pectoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma etuberculos pulmonares, frasco 45000 reis meio frasco 600 reis.
Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas. frasco 45000 reis.
O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.
 Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.
Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.
Perfeto desinfectante e purificante de JEVES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.
Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 210 REIS.
VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK
 E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instruções.
Sabonetes de glicerina marca «Cassela» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle.
Preço 700 reis a duzia (1)

FERNANDO REIS—MAYER GARÇÃO
OS VERMELHOS
 Notas de dois refractarios
 Publicação quinzenal: Preço em todo o reino—50 reis.
AS DUAS RIVAES
 (La Demoiselle du Chateau)
 Ultimo romance de XAVIER DE MONTEPIN.
 Edição illustrada de Belem & C.ª, Lisboa.
Editores:—LIBANIO & CUNHA
 145, Rua do Norte, 145—LISBOA